

A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS

Aline Santos Silva ¹; **André Luís Mota Itaparica** ².

¹ Estudante de Graduação do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Bolsista Voluntária PIBIC/CNPq.

² Professor do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Orientador PIBIC.

A construção de um discurso filosófico da modernidade é um desafio complexo, ao qual se propôs Habermas, na sua obra “O discurso filosófico da modernidade”, livro base para a pesquisa desenvolvida. Esta desenvolveu-se no estudo das doze lições do autor, para compreender toda problemática que existe na tarefa de primeiramente, conceituar a modernidade, para se chegar ao seu discurso filosófico, propriamente dito, passando também por uma crítica da razão absolutizada.

O autor a princípio vai destacar o problema da autocertificação da modernidade, partindo da idéia de que esta se afastou do seu, antes, horizonte conceitual; a racionalidade. Tomando como base as contribuições de Max Weber, na identificação da modernidade com o processo de profanação da cultura ocidental, e de Hegel , enquanto o primeiro a “tomar como problema filosófico o processo pelo qual a modernidade se desliga das sugestões normativas dos passados que lhe são estranhas” e por ter descoberto a subjetividade, o princípio dos novos tempos. Hegel analisando a filosofia de Kant, percebe que esta pode ser entendida como uma - interpretação da modernidade. As cisões que a razão através do princípio da subjetividade instaura na ciência, na moral, na arte e na própria forma como a modernidade se concebe como época histórica, rompida com o passado, parecem não poder serem sanadas pela própria subjetividade. Para Habermas a questão é saber se a subjetividade pode criar uma autocompreensão da modernidade. Para produzir uma crítica da modernidade é preciso saber se a razão dilatada em liberdade subjetiva é capaz de superar as próprias cisões que criou, se é capaz de substituir o poder unificador da religião, que mantinha a harmonia da vida. Neste momento a pesquisa vai percorrer o conceito de modernidade de Hegel, o qual destaca com ênfase as positividade da época, ou seja as fragmentações produzidas pela própria subjetividade alienada. Outro percurso que a crítica da razão percorre na pesquisa, está nas contribuições de Michel Foucault para o tema, a partir de sua genealogia dos discursos científicos das ciências humanas e de sua Teoria do poder. Foucault percebe que a formação do conhecimento sobre a loucura, na origem da psiquiatria, está relacionada com a absolutização de uma razão que torna-se monológica a medida que centra-se sobre si mesma e não percebe a loucura como seu outro, como parte de si.

Palavras- chave: Modernidade, Razão, Autocompreensão.

